

## **Metodologias usadas com alunos com Síndrome de Down em uma escola especial particular filantrópica de Ubá**

LOPES, Luana Silva - [lopesluana92@yahoo.com.br](mailto:lopesluana92@yahoo.com.br)

HABER, Isac da Silva - [isac.haber@hotmail.com](mailto:isac.haber@hotmail.com)

**Curso de Pedagogia**  
**Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá**  
**Ubá – MG\Julho\2018**

### **RESUMO**

A presente pesquisa teve como tema: “Metodologias usadas com alunos com Síndrome de Down em uma escola particular filantrópica de Ubá”. Buscou-se entender sobre os métodos de ensino utilizados com esses alunos. E compreender quais as metodologias usadas com alunos com Síndrome de Down em uma escola especial. Acredita-se que há pouca exploração das capacidades e habilidades que um aluno com Síndrome de Down possa desenvolver e ainda questiona-se o fato de os professores que trabalham com esses alunos não possuírem formação continuada para a melhoria do trabalho. Destaca-se que a aprendizagem do aluno depende não só das dificuldades devido a sua deficiência, mas também do contexto social que está inserido. No entanto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as metodologias de ensino usadas em uma escola especial com alunos com Síndrome de Down. De modo específico pretende-se: verificar o processo de ensino aprendizagem; verificar os meios de avaliação; citar as metodologias aplicadas no processo de aprendizagem. A pesquisa encaixa-se ao método qualitativo e o tipo de instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário aplicado a quatorze professoras que trabalham com alunos com Síndrome de Down em uma escola particular filantrópica de Ubá, MG. Os resultados encontrados indicam que as metodologias utilizadas com alunos com Síndrome de Down de acordo com essas professoras não se diferenciam das utilizadas com um aluno que não possui, porém, deve-se compreender quais são os melhores métodos levando em consideração as capacidades e dificuldades de seus alunos. Considera-se que essas professoras utilizam de metodologias adequadas com seus alunos com Síndrome de Down, levando em conta o conhecimento que possuem sobre suas dificuldades e competências desses alunos.

**Palavras- chave:** Síndrome de Down, metodologias, aprendizagem.

### **ABSTRACT**

The present research had as its theme: "Methodologies used with students with Down Syndrome in a particular philanthropic school of Ubá". We sought to understand the teaching methods used with these students. Therefore, it is sought to understand the methodologies used with students with Down Syndrome in a special school. It is believed that there is little exploration of the abilities and abilities what a Down Syndrome student can develop and still question the fact that the teachers who work with these students do not have continuous training to improve the work. It is emphasized that the student's learning depends not only on the difficulties due to his disability, but also on the social context that is inserted. However, the general objective of this research is to analyze the teaching methodologies used in a special school with students with Down Syndrome. Specifically, we intend to: verify the process of teaching learning; verify the means of evaluation; methodologies applied in the learning process. The research is in accordance with the qualitative method and the type of instrument used for the data collection was the questionnaire applied to fourteen teachers working with students with Down Syndrome in a private philanthropic school in Ubá, MG. The results indicate that the methodologies used with Down Syndrome students according to these teachers do not differ from those used with a student who did not have it, but one must understand what are the best methods taking into account the abilities and difficulties of your students. It is concluded that these teachers use appropriate methodologies with their students with Down Syndrome, taking into account the knowledge they have about their difficulties and skills.

**Key words:** Down syndrome. Methodologies. Learning.

## 1. Introdução

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional entende-se por educação especial: “a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 2017, p. 39).

Segundo Brasil (2012, p. 21): “a presença de um cromossomo 21 extra na pessoa com SD, citogeneticamente pode se apresentar de três formas. Sendo a mais comum a trissomia simples que caracterizada pela presença de um cromossomo 21 extra livre.”

As pessoas com Síndrome de Down, de acordo com Cunha (2015), são mais lentas no processo de aprendizagem em relação a linguagem, em consequência das dificuldades na audição e na memória de curto prazo. Ainda segundo esse autor, pesquisas indicam que crianças e adolescentes menores de 20 anos podem apresentar: déficit de atenção, transtorno obsessivo compulsivo, anorexia nervosa, parafilias e apneia do sono.

Profissionais pedagogos que trabalham com alunos que possuem Síndrome de Down devem estar atentos a esses problemas decorrentes da Síndrome e ao diagnóstico do aluno, para trabalhar atividades significativas que o leve ao domínio no processo de aprendizagem. Seguindo esse pensamento, o presente artigo tem como tema: As metodologias usadas com alunos com Síndrome de Down em uma escola especial particular filantrópica de Ubá; tendo como objetivo geral analisar as metodologias de ensino usadas em uma escola especial com alunos com Síndrome de Down, e como específicos: verificar o processo de ensino aprendizagem de alunos com Síndrome de Down em uma escola especial de Ubá, MG; verificar os meios de avaliação de Alunos com Síndrome de Down nesta escola especial; citar as metodologias aplicadas no processo de aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down. Sendo o problema: Quais as metodologias usadas com alunos com Síndrome de Down em uma escola especial particular filantrópica de Ubá?

Acredita-se que há pouca exploração das capacidades e habilidades que um aluno com Síndrome de Down possa desenvolver e ainda questiona-se o fato de os professores que trabalham com esses alunos não possuírem formação continuada para a melhoria do trabalho. Destaca-se que a aprendizagem do aluno depende não só das dificuldades devido a sua deficiência, mas também do contexto social que está inserido.

Neste sentido, justifica-se o estudo do tema para realçar a importância de serem utilizadas metodologias de ensino adequadas e diversificadas com alunos com SD.

É importante para o desenvolvimento de alunos com SD, um trabalho que envolva diversas áreas com diversos profissionais. Neste contexto, pode-se afirmar que aprendizagem do aluno depende da união de vários aspectos, que devem ser bem trabalhados pelo profissional adequado (CUNHA, 2015).

Pedagogos compromissados devem estar atentos às dificuldades dos alunos, para que possam desenvolver atividades que façam com que realmente aprendam. A respeito dos alunos com necessidades especiais. É importante que os professores tenham conhecimento sobre suas dificuldades e limitações e estejam em constante busca de conhecimento e aprimoramento de suas práticas para que haja resultado significativo na aprendizagem.

## **2. Referencial Teórico**

É muito comum ouvirmos falar sobre Síndrome de Down ou conhecermos pessoas que possuem. Cunha (2015), refere-se a Síndrome de Down como um acidente genético, uma alteração cromossômica. Uma pessoa comum contém 46 cromossomos divididos em 23 pares, na célula. Já a maioria das pessoas com Síndrome de Down possui 47 cromossomos e o cromossomo extra ligado ao par 21.

Normalmente reconhecemos pessoas que possuem SD pelas características físicas que comumente apresentam, tais como:

A cabeça é pequena e achatada. Os cabelos são finos e escassos. As fontanelas (moleiras) demoram mais a fechar que em uma criança normal. O rosto apresenta um contorno achatado e o nariz é pequeno. Os olhos normais são oblíquos. As orelhas são dobradas parecendo que falta cartilagem. A boca é pequena e a língua geralmente fica para fora e, à medida que a criança cresce, aparecem estrias que devem ser muito lavadas e higienizadas para não armazenar saliva, que é ácida e faz aparecer cáries constantes, o que leva a perder logo os dentes. Os dentes demoram mais a chegar que os de uma criança normal. O pescoço (alado) é curto e grosso. O tórax é afunilado, podendo apresentar problemas respiratórios e cardíacos. Os pés e as mãos apresentam anormalidades. (RODRIGUES 2015, p. 22)

A Síndrome de Down não é uma patologia dos dias atuais. Já no século XIX foram registrados os primeiros casos. Em 1866, a Síndrome recebeu o nome que conhecemos hoje, em homenagem ao nome do Dr. John Langdon Down que conseguiu informações mais detalhadas a respeito (RODRIGUES, 2015).

Crianças e jovens que possuem Síndrome de Down podem alcançar um bom desenvolvimento na aprendizagem. Um fator importante para que isso aconteça é o estímulo da família e da escola. Neste contexto é essencial que a família se informe e que comece a estimular a criança já nos primeiros meses de vida, a família é principal fonte de estimulação para as crianças (ALVES, 2011).

Infelizmente é comum que professores direcionem seu trabalho com base na representação social de alunos com Síndrome de Down, com receio de que estes não sejam capazes de realizá-las. Pacheco e Oliveira (2011) afirmam que muitos pais e professores costumam se prender a representação social das pessoas com Síndrome de Down, construída ao longo do tempo com preconceitos, por consequência, não oferecem o estímulo necessário e não trabalham atividades significativas para o desenvolvimento dessas pessoas. Assim sendo, as atividades realizadas pelos professores com seus alunos que possuem Síndrome de Down podem estar ligadas a visão histórica social dessas pessoas.

Uma boa sugestão de estímulo às crianças com SD tanto para a família quanto para pedagogos é o brincar, muito importante para o desenvolvimento. A brincadeira e o desenvolvimento da criança se completam, sendo que a brincadeira envolve a prática de habilidades de uma forma ampla, ofertando informações de como as crianças se movimentam, expressam, manipulam as coisas e como interagem (Brock et al , 2011).

Outro fator importante de grande estímulo a aprendizagem e interação social da criança com Síndrome de Down é o desenvolvimento da linguagem.

Um dos aspectos cruciais no processo educacional de crianças com Síndrome de Down (SD) está no desenvolvimento da linguagem. A linguagem media as atividades sociais, acadêmicas e de aprendizagem que estão na dependência dos processos receptivos e expressivos linguísticos, bem como das habilidades psicolinguísticas, que proporcionam a integração do conhecimento e a possibilidade de interação social. A forma como a criança está integrada no ambiente social, construindo sua linguagem com seus interlocutores, nas relações interativas e dialógicas tem reflexos importantes para o desenvolvimento global e da aprendizagem. Assim, é de extrema relevância estabelecer estas interações e integração da criança com SD, que tem como maior aliada sua inclusão na rede de ensino. (LAMÔNICA, VASQUES, 2015 p. 2)

Escolas especiais e outras instituições que buscam o desenvolvimento de pessoas com dificuldades devem criar um ambiente estimulador com estratégias significativas adequadas as necessidades dessas pessoas.

O desempenho comunicativo e lexical expressivo de crianças com Síndrome de Down é inferior quando comparado com neurodesenvolvimento típico. A escola tem importante papel em proporcionar um ambiente estimulador, por meio de práticas pedagógicas adequadas às necessidades de aprendizagens destas crianças. (LAMÔNICA; VASQUES, 2015 p.1)

No que diz respeito ao processo de socialização de crianças com Síndrome de Down, é provável que apresentem bom desenvolvimento nesse quesito. De acordo com Lamônica; Vasques (2015 p.5).

Estudos relataram que as crianças com SD tendem a apresentar bom desempenho em habilidades sociais, sendo efetivas em socialização, mesmo que frágeis, quanto ao desempenho comunicativo. Desta forma, é importante integrá-las no ambiente escolar, na idade habitual de seus pares, para o desenvolvimento de habilidades como autocuidados, socialização e comunicação.

Com relação a avaliação, Hoffmann (2004) considera que não possui objetivo de julgar e classificar o aluno como bom ou mau, ou somente fazê-lo memorizar o conteúdo e alcançar notas altas. Mas é sim um é um instrumento de mediação entre professor e aluno, uma forma de reflexão por parte do professor sobre as suposições do aluno. Objetivando fazer com que os alunos sejam críticos, participativos e reflexivos.

É importante que pedagogos e demais profissionais que trabalham com alunos com Síndrome de Down tenham conhecimento sobre essa síndrome, para promover atividades significativas para o desenvolvimento dessas pessoas.

Professores que trabalham com alunos que possuem Síndrome de Down devem estar atentos a algumas orientações como: propor atividades que tenham sentido para os alunos, fortalecer suas qualidades, buscar consolidar os vínculos afetivos e estimular novos, propiciar atividades que exijam o mínimo de atenção e aos poucos ir aumentando, estimular a memória de curto prazo explorando atividades ligadas com a vida cotidiana e afetiva da criança, estimular o repertório verbal ligando a ação a palavra, propor trabalhos

que estimulem a discriminação visual e auditiva, executar uma atividade de cada vez, trabalhar o esquema corporal e a estruturação espacial e temporal, trabalhar a função simbólica por meio de canais sensoriais (CUNHA, 2015). Trabalhando desta forma o professor estará respeitando o desenvolvimento do aluno que possui Síndrome de Down e levando em conta suas necessidades, oferecendo-lhe o estímulo correto para que ele possa aprender e se desenvolver.

Trabalhando de acordo com essas orientações provavelmente os professores obterão resultados positivos de seus alunos, pois estarão trabalhando atividades significativas para estes e adequando as atividades as suas necessidades.

### **3. Metodologia**

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa. Sobre essa abordagem Marconi e Lakatos (2017, p. 302) afirmam que “O estudo qualitativo desenvolve-se numa situação natural, oferecendo riqueza de dados descritivos, bem como focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada.”.

Quanto à finalidade, esta pesquisa é considerada aplicada. A pesquisa aplicada segundo Marconi e Lakatos (2017 p.296) “cujo objetivo é adquirir conhecimento para a solução de um problema específico”.

Quanto ao nível, esta pesquisa é considerada descritiva, Matias-Pereira (2012, p. 66) ressalta que “esses estudos buscam examinar um fenômeno para descrevê-lo de forma integral ou diferenciá-lo de outro”.

Sobre a tipologia da presente pesquisa, pode-se considerá-la como empírica, de acordo com Matias-Pereira (2012, p. 86): “possui como característica privilegiar os estudos práticos, visto que suas propostas possuem caráter técnico, restaurador, incrementalista e forte preocupação com a relação causal entre variáveis”.

Além disso, esta pesquisa é considerada como pesquisa de campo, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 195):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário de acordo com Marconi e Lakatos (2017) tem como objetivo obter informações para o desenvolvimento da pesquisa, sendo respondido sem a presença do entrevistador.

A população dessa pesquisa foi uma escola especial particular filantrópica de Ubá-MG, que possui 34 funcionários. A amostra é composta de quatorze professoras que atuam diretamente com crianças com SD.

O fator de inclusão consiste nas professoras que trabalham com alunos com SD e o de exclusão consiste nos professores que não trabalham com este grupo de alunos.

O primeiro passo para a coleta de dados consistiu em entrar em contato com a escola para pedir a autorização para a pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pela direção. Em seguida, teve-se uma combinação com a direção da escola sobre como seria aplicado o instrumento de pesquisa. Em seguida, foi feito um contato com os sujeitos da pesquisa, para a entrega do instrumento e TCLEs, estabelecendo um prazo para a devolutiva de três dias.

De posse dos instrumentos os dados foram compilados, analisados, transformados em gráficos, tabelas ou quadros para facilitar a discursão dos resultados obtidos.

Após a conclusão esse trabalho poderá ser divulgado e publicado através de palestras, artigos e periódicos.

Este artigo foi submetido ao comitê de ética em pesquisa da Fundação Presidente Antônio Carlos, através da plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos, propostos pela Comissão Nacional de Saúde (Resolução CNS nº196/96).

#### **4. Resultados e discussão**

A pesquisa foi realizada com quatorze professoras que trabalham em uma escola especial de Ubá MG diretamente com alunos que possuem Síndrome de Down. Os professores participantes são mencionados no trabalho como: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P2, P13 e P14.

Após a coleta dos dados, eles foram compilados e organizados, sendo transformados em gráficos e tabelas como forma de melhor entendimento, e para facilitar a divulgação dos mesmos.

O quadro a seguir informa sobre a formação das professoras entrevistadas.

Graduado em Pedagogia	Normal superior com pós-graduação em educação especial e inclusiva	Graduado em pedagogia com pós-graduação em educação especial e inclusiva	Graduado em pedagogia com pós-graduação em educação especial	Normal superior com pós-graduação em educação especial inclusiva e psicopedagogia	Pedagogia com pós-graduação em educação inclusiva
3	1	5	1	1	3

Quadro 1- Formação das professoras entrevistadas.

Fonte: Lopes (2018)

O quadro a seguir fala sobre o tempo de trabalho das professoras na área de Educação Especial. Treze professoras trabalham a mais de dez anos e uma de cinco a dez anos.

De 1 a 3 anos	De 3 a 5 anos	De 5 a 10 anos	A mais de 10 anos
0	0	1	13

Quadro 2- Tempo de trabalho na área de Educação Especial.

Fonte: Lopes (2018)

Em relação ao trabalhar especificamente com alunos que possuem a Síndrome de Down, como mostra o quadro a seguir, uma professora trabalha de um a três anos, seis professoras trabalham de cinco a dez anos e sete professoras a mais de dez anos.

De 1 a 3 anos	De 3 a 5 anos	De 5 a 10 anos	A mais de 10 anos
1	0	6	7

Quadro 3- Tempo de trabalho com alunos que possuem Síndrome de Down.

Fonte: Lopes (2018)

Questionadas se avaliação de um aluno com Síndrome de Down ocorre da mesma forma que um aluno que não possui a Síndrome, todas responderam que não. O quadro mostra suas justificativas.

<i>P 1: “As avaliações devem ser adaptadas de acordo com a capacidade de cada aluno (a).”</i>
<i>P 2:” Adaptações de acordo com a necessidade do aluno.”</i>
<i>P 3: “Adaptada de acordo com a necessidade do aluno, trabalhando as diferenças de acordo com a realidade do mesmo.”</i>
<i>P 4: Não respondeu.</i>
<i>P 5: “A avaliação é diferente e individual a cada aluno.”</i>
<i>P 6: “Avaliação contínua e formativa sempre focando nos avanços do aluno. Atividades adaptadas.”</i>
<i>P 7: “A avaliação é realizada de maneira adaptada de acordo com o nível de aprendizagem do aluno.”</i>
<i>P 8:” Deve-se fazer de forma adaptada.”</i>
<i>P 9: “As avaliações são adaptadas de acordo com as necessidades dos alunos.”</i>
<i>P 10:”Desde que ele apresente as limitações diferenciadas as avaliações são adaptadas as necessidades.”</i>
<i>P11: “Adaptada de acordo com a necessidade, utilizando materiais adaptados ao aluno.”</i>
<i>P 12: “Usamos os mesmos critérios, porém a forma de avaliar é diferenciada.”</i>
<i>P 13: “A avaliação pode ser a mesma, mas a forma de avaliar vai diferir.”</i>
<i>P 14: “A atividade pode ser a mesma, mas, avaliar cada aluno conforme suas habilidades e capacidades.”</i>

Quadro 4- A avaliação de um aluno com Síndrome de Down

Fonte: Lopes (2018)

Segundo Brasil (1998) a avaliação é um processo constante que envolve grande reflexão, e não um acontecimento separado.

Lckesi (2006, p.172) ainda define a avaliação como:

Um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, interativo, inclusivo. Para compreender isso, importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo de errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então (e só então), ajuizar a sua qualidade, tendo em vista, dar-lhe suporte se necessário. A avaliação, como ato de diagnóstico tem por objetivo a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção (que obrigatoriamente conduz à exclusão).

Quando indagadas sobre as dificuldades em relação a aprendizagem enfrentadas por seus alunos com Síndrome de Down, a maioria respondeu que estão relacionadas a atenção, memória e linguagem. As professoras P6, P7 e P10 responderam que podem estar relacionadas a outros fatores como: assimilação, concentração e comportamento. O

quadro a seguir mostra quantitativamente as respostas das professoras e as respectivas justificativas de P6, P7 e P10.

Atenção	Memória	Linguagem	Outros
12	10	14	3
<i>P 6: outros:” assimilação, concentração e comportamental.”</i>			
<i>P 7: Outros: “comportamento, assimilação, concentração.”</i>			
<i>P10: Outros: “comportamento, assimilação.”</i>			

Quadro 5- Dificuldades de aprendizagem de seus alunos com Síndrome de Down  
Fonte: Lopes (2018)

De acordo com Cunha (2015 p.94) “as dificuldades de audição e da memória de curto prazo dificultam a retenção das palavras, tornando mais lentas a aquisição da fala e a aprendizagem na área de linguagem.”

Rodrigues (2015, p.47) ainda considera que a criança com Síndrome de Down apresenta algumas dificuldades em relação a aprendizagem:

A criança com síndrome de Down ainda enfrenta algumas dificuldades em relação ao desenvolvimento da aprendizagem, tais como: alterações auditivas e visuais, incapacidade de organizar atos cognitivos e condutas, debilidades de associar e programar sequências. Provavelmente, tais questões implicam ações que a família e a escola direcionam às crianças , pois ocorrem principalmente por causa da imaturidade nervosa e não mielinização das fibras, podendo dificultar funções mentais para desenvolver a habilidade no raciocínio, estocagem do material aprendido e transferência na aprendizagem, entre outras.

Professores devem estar atentos a essas dificuldades para que possam trabalhar atividades afins de entender a origem de suas dificuldades para promoverem de melhor forma a aprendizagem.

A respeito do desenvolvimento da linguagem escrita de seus alunos com Síndrome de Down foram dadas quatro alternativas para que as professoras pudessem identificar as que utilizam: através de atividades que envolvam interação com o grupo, por meio de exercícios com atividades com palavras relacionadas ao cotidiano do aluno, por meio de atividades lúdicas, através de exercícios que favoreçam o estímulo, a atenção e observação. Como vemos no gráfico a seguir, não houve muita variação nas respostas das professoras, com pouca diferença entre os votos. Podendo- se concluir que todos são importantes para o desenvolvimento da linguagem escrita.

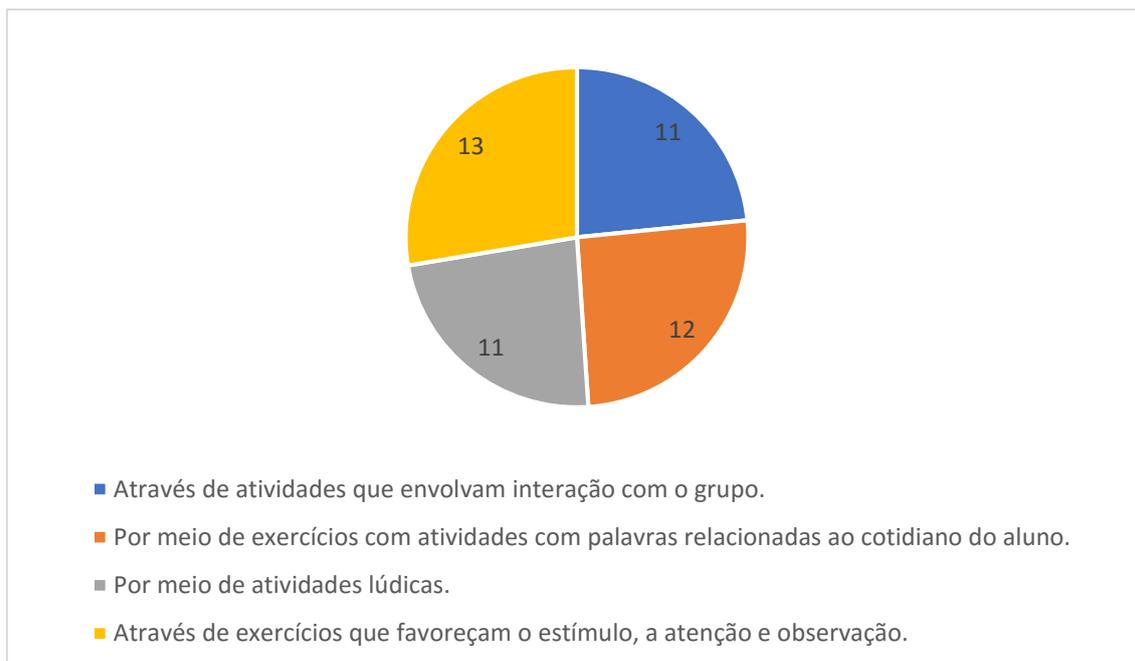


Gráfico 1- Estímulo do processo de linguagem escrita para alunos com Síndrome de Down  
 Fonte: Lopes (2018)

Segundo Rodrigues (2015), o professor deve utilizar com seus alunos que possuem Síndrome de Down diferentes maneiras de aprender, por meio de atividades que possibilitem atitudes de participação, cooperação e interação no grupo, em qualquer ambiente escolar, para que as crianças compreendam a valor da representação das letras a partir do envolvimento afetivo.

Além disso, o aluno com Síndrome de Down deve ser estimulado de forma ampla, explorando diversas habilidades, não tendo como obstáculo as possíveis limitações da fala.

As limitações da fala da pessoa com Síndrome de Down não podem ser vistas por pais e professores como barreiras e sim de estímulos. Além do estímulo verbal, devem ser estimuladas outras habilidades significativas e preparatórias como: a concentração, a memória linguística o controle motor fino e a pega no lápis (CUNHA 2015, p. 97).

No que diz respeito a diferença em relação a aprendizagem de um aluno que possui Síndrome de Down e outro que não possui, pode se considerar de acordo com o gráfico a seguir, que de modo geral a maioria das professoras consideram mais relevante as

dificuldades em relação a atenção, tendo a mesma relevância as dificuldades em relação a memória e em reter conceitos abstratos.

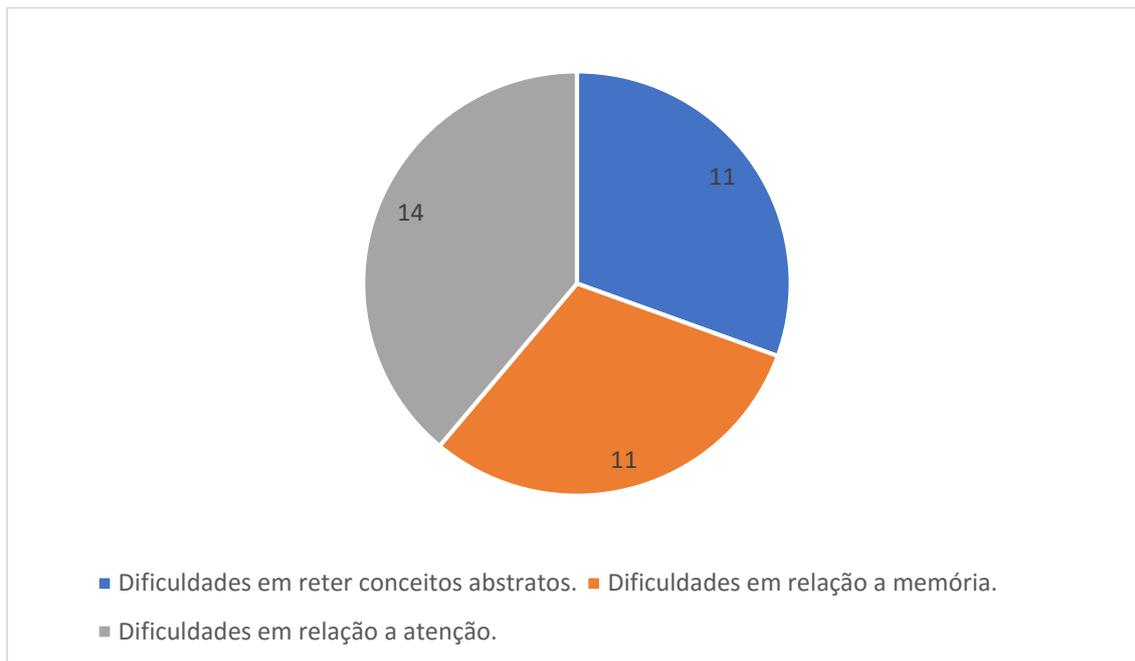


Gráfico 2- Diferenças observadas considerando a aprendizagem de um aluno que não possui Síndrome de Down e outro que possui  
Fonte: Lopes (2018)

De acordo com Rodrigues (2015) é essencial que a criança que possui algum déficit intelectual receba um apoio maior de sua família e professores para que lhe ofereçam estímulo para o desenvolvimento da aprendizagem. Exercícios como de estimulação a memória, a atenção e observação ajudam no desenvolvimento, além de caminhos pedagógicos organizados pelos professores.

Sobre a construção de conceitos de uma pessoa que possui Síndrome de Down e outra que não possui:

A criança considerada “normal” consegue retirar informações do objeto e construir conceitos espontaneamente, já a criança com déficit intelectual com Síndrome de Down precisa exercitar sua atividade cognitiva, de modo que consiga o mesmo ou uma aproximação do mesmo avanço (Rodrigues, 2015, p.62, grifo do autor).

Portanto, é preciso uma atenção e reflexão maior por parte da família e dos professores em relação ao estímulo dado a pessoa com Síndrome de Down, conhecer as necessidades desta pessoa é fundamental para o estímulo correto.

Sobre as metodologias utilizadas pelas professoras com seus alunos que possuem Síndrome de Down, as três alternativas (atividades lúdicas, atividades que desenvolvam a atenção, atividades que envolvam construção de atitudes e de participação e interação com o grupo) foram consideradas pela maioria das professoras, conforme mostrado no gráfico a seguir.

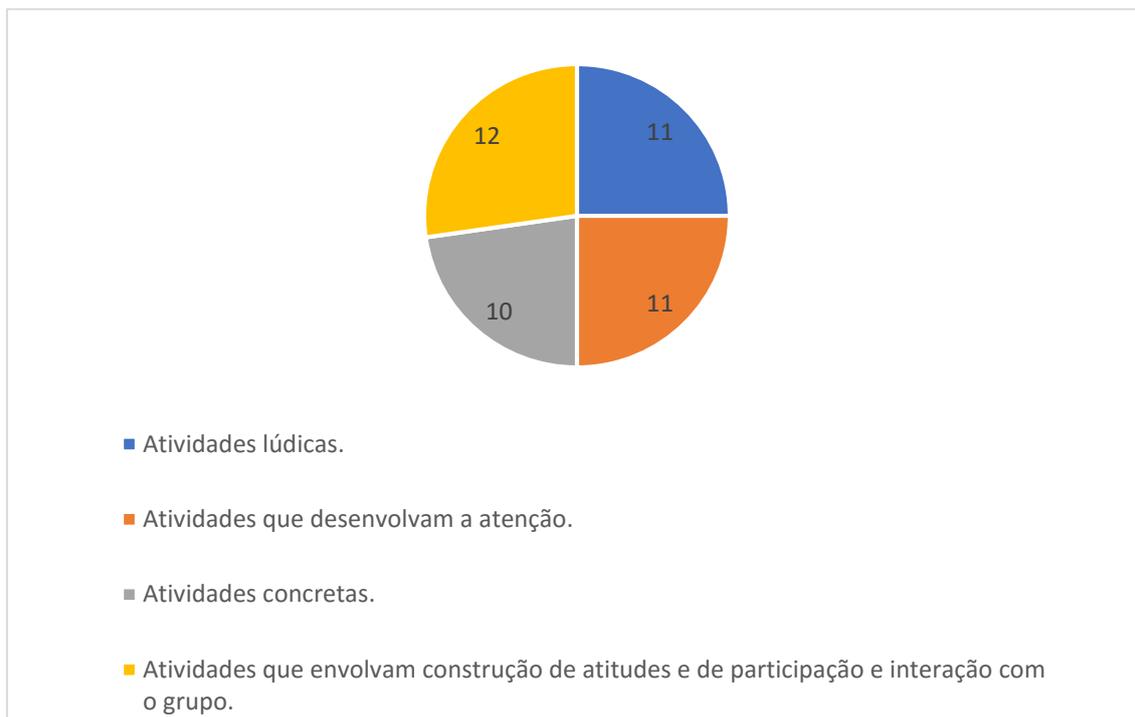


Gráfico 3- Metodologias de ensino usadas com os alunos com Síndrome de Down  
Fonte: Lopes (2018)

Alves (2015) destaca que é importante usar com alunos que possuem Síndrome de Down a criatividade na sala de aula. Deve-se mostrar por meio da produtividade de suas atividades, que eles podem contribuir muito para a sociedade apesar de suas possíveis limitações, incentivando-os e encorajando-os.

Destaca-se que é essencial trabalhar de forma lúdica e diversificada, buscando o interesse e envolvimento do aluno, fazendo-o sempre explorar suas capacidades apesar de suas possíveis dificuldades.

## 5. Considerações finais

Por meio da presente pesquisa foram analisadas as metodologias usadas com alunos que possuem Síndrome de Down em uma escola especial particular filantrópica. Através do questionário buscou-se informações como: se as professoras possuem formação continuada adequada para trabalhar com seus alunos que possuem Síndrome de Down, quais os métodos de aprendizagem e avaliação que utilizam com esses alunos e quais as dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem com esses alunos que possuem Síndrome de Down.

Destaca-se que a maioria possui formação continuada adequada para trabalhar com alunos que têm Síndrome de Down, contendo pós-graduação em educação especial e/ou inclusiva.

A respeito das metodologias utilizadas com seus alunos que possuem Síndrome de Down pôde-se observar que são métodos comuns utilizados com outros alunos como por exemplo atividades lúdicas, atividades concretas, e que desenvolvam a concentração e interação dos alunos.

Sobre a maneira de avaliar pôde-se considerar que a forma de avaliar de seus alunos com Síndrome de Down não é a mesma de outros alunos que não possuem tal Síndrome, pois deve levar em conta suas dificuldades e capacidades, podendo utilizar os mesmos critérios, porém a forma de avaliar deve ser diferenciada.

As dificuldades desses alunos em relação a aprendizagem estão presentes de acordo com as professoras na concentração, linguagem, assimilação e memória.

Portanto, as professoras utilizam de metodologias adequadas com seus alunos que possuem Síndrome de Down, devido a formação adequada e o fato de conhecerem e levarem em conta as dificuldades, capacidades e individualidade dos alunos.

**Referências:**

- ALVES, Fátima. **Para entender Síndrome de Down**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 1. ed., 1. reimp. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013.
- BROCK, A. et al. **Brincar**: Aprendizagens para a vida. Porto Alegre: Penso, 2011.
- CUNHA, Eugênio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. Rio de Janeiro: Wak, 2015.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: Uma prática em construção da pré-escola à universidade. 23. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003. p.195.
- Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade. **Metodologia científica**: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis; metodologia jurídica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 296, 302.
- Luckesi, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 172.
- MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p.66, 86.
- LAMÔNICA, D. A. C.; VASQUES. A. T. F. Habilidades comunicativas e lexicais de crianças com Síndrome de Down: reflexões para Inclusão escolar. *Rev. CEFAC. 2015 Set-Out; 17(5):1475-1482*.
- PACHECO, Wellem dos Santos; OLIVEIRA, Marinalva Silva. **Aprendizagem e desenvolvimento da criança com síndrome de Down**: representações sociais de mães e professoras. Disponível em: <  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212011000300002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212011000300002) > Acesso em: 10 de abr. de 2018.
- RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Pessoas com Síndrome de Down**: Uma reflexão para pais e professores. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

## ANEXO 1



**Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC**

**Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá**

[www.ubafupac.com.br](http://www.ubafupac.com.br)

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**(Atendimento à Resolução 466 de 12/12/2012-CNS-MS)**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa que abordará as **“Metodologias usadas com alunos com Síndrome de Down em uma escola especial particular filantrópica de Ubá”** a ser realizada pelo curso de Pedagogia da Faculdade Presidente Antônio Carlos- FUPAC/Ubá.

- Neste estudo pretendemos analisar as metodologias de ensino usadas na APAE com alunos com Síndrome de Down.
- Justifica-se o estudo do tema para realçar a importância de serem utilizadas metodologias de ensino adequadas e diversificadas com alunos com SD.
- Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: a coleta será feita através de questionários estruturado, composto por 12 questões. Dentro de um envelope será colocado o questionário e duas vias do termo de consentimento: uma via ficará com o professor participante e a outra guardada com os pesquisadores por um período de 5 anos. O envelope será lacrado e entregue para cada professor. Os docentes terão um prazo de 3 dias para responder o questionário e devolvê-lo à pesquisadora, após agendada data para recolher o instrumento da pesquisa.
- Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.
- Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, estando o telefone (32) 99948-2220; e e-mail lopesluana92@yahoo.com.br; da pesquisadora Luana Silva Lopes, à sua disposição para comunicar qualquer dúvida ou desistência de participação;
- Nesta premissa, todos os participantes são absolutamente livres para, a qualquer momento, negar o seu consentimento ou abandonar o programa se assim o desejar, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização;
- A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador;
- O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo;
- Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo;
- Durante a realização do teste não há possibilidade de ocorrerem problemas, riscos ou desconforto devido à intervenção do pesquisador;
- Você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa, caso assim o julgue;
- Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada;

- Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão;
- Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos;
- Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador(a) do documento de identidade \_\_\_\_\_, após a  
leitura do presente Termo, e estando de posse de minha plenitude mental e legal, ou da  
tutela legalmente estabelecida sobre o participante da pesquisa, declaro expressamente  
que entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de  
participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

---

Assinatura do(a) Participante

---

Luana Silva Lopes  
Acadêmica pesquisadora  
lopesluana92@yahoo.com.br

Isac da Silva Haber  
Orientador  
[isac.haber@hotmail.com](mailto:isac.haber@hotmail.com)

Ubá, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.



## ANEXO 2

Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC  
 Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá  
[www.ubafupac.com.br](http://www.ubafupac.com.br)

**Local:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/2018

### Questionário

**1) Segmento pesquisado:**

( ) Ensino Fundamental – 1º ao 5º ano ( ) Educação Infantil ( ) Educação Especial

**2) Profissional entrevistado (área de formação):** \_\_\_\_\_

**3) Instituição:**

( ) Pública Estadual ( ) Pública Municipal ( ) Privada

**4) Sexo:**

( ) Feminino ( ) Masculino

**5) Formação:**

( ) Superior ( ) Pós-Graduado ( ) Mestre ( ) Doutorado

Especifique a formação: \_\_\_\_\_

**6) Trabalha há quanto tempo na área de Educação Especial ?**

( ) De 1 a 3 anos

( ) De 3 a 5 anos

( ) De 5 a 10 anos

( ) a mais de 10 anos

**7) Especificamente com alunos com Síndrome de Down trabalha há quanto tempo?**

( ) De 1 a 3 anos

- De 3 a 5 anos
- De 5 a 10 anos
- a mais de 10 anos

**8)** A avaliação de um aluno com Síndrome de Down ocorre da mesma forma que um aluno que não possui a Síndrome ? Em caso negativo, como é feita?

- Sim
- Não

---

---

---

**9)** Qual (s) item (s) a seguir estão relacionados com as dificuldades de aprendizagem de seus alunos com Síndrome de Down? Em caso de outros especificar.

- atenção.
- memória.
- linguagem.
- outros.

---

---

---

**10)** Como deve ser o estímulo do processo de linguagem escrita para alunos com Síndrome de Down?

- através de atividades que envolvam interação com o grupo.
- por meio de exercícios com atividades com palavras relacionadas ao cotidiano do aluno.

- por meio de atividades lúdicas.
- através de exercícios que favoreçam o estímulo a atenção e observação.

**11)** Quais as diferenças observadas por você considerando a aprendizagem de um aluno que não possui Síndrome de Down e outro que possui? Em caso de outras especificar.

- dificuldades em reter conceitos abstratos.
  - dificuldades em relação a memória.
  - dificuldade em relação a atenção.
  - Outros.
- 
- 
- 

**12)** Quais as metodologias de ensino usadas com os alunos com Síndrome de Down? Em caso de outras especificar.

- atividades lúdicas.
  - atividades que desenvolvam a atenção.
  - Atividades concretas.
  - atividades que envolvam construção de atitudes e de participação e interação com o grupo.
  - Outras.
- 
- 
- 

**Obrigada por responder a esse questionário!**

## ANEXO 3

## Compilação

<b>1- Formação:</b>					
Graduado em Pedagogia	Normal superior com pós-graduação em educação especial e inclusiva	Graduado em pedagogia com pós-graduação em educação especial e inclusiva	Graduado em pedagogia com pós-graduação em educação especial	Normal superior com pós-graduação em educação especial inclusiva e psicopedagogia	Pedagogia com pós-graduação em educação inclusiva
3	1	5	1	1	3
<b>2- Trabalha há quanto tempo na área de Educação Especial ?</b>					
De 1 a 3 anos	De 3 a 5 anos	De 5 a 10 anos	A mais de 10 anos		
0	0	1	13		
<b>3- Especificamente com alunos com Síndrome de Down trabalha há quanto tempo ?</b>					
De 1 a 3 anos	De 3 a 5 anos	De 5 a 10 anos	A mais de 10 anos		
1	0	6	7		
<b>4- A avaliação de um aluno com Síndrome de Down ocorre da mesma forma que um aluno que não possui a síndrome ? Em caso negativo, como é feita?</b>					
Sim	Não				
0	14				
P 1: As avaliações devem ser adaptadas de acordo com a capacidade de cada aluno (a).					
P 2: Adaptações de acordo com a necessidade do aluno.					
P 3: Adaptada de acordo com a necessidade do aluno, trabalhando as diferenças de acordo com a realidade do mesmo.					
P 4: não se justificou.					
P 5: A avaliação é diferente e individual a cada aluno.					
P 6: Avaliação contínua e formativa sempre focando nos avanços do aluno. Atividades adaptadas.					
P 7: A avaliação é realizada de maneira adaptada de acordo com o nível de aprendizagem do aluno.					
P 8: Deve-se fazer de forma adaptada.					
P 9: As avaliações são adaptadas de acordo com as necessidades dos alunos.					
P 10: Desde que ele apresente as limitações diferenciadas as avaliações são adaptadas as necessidades.					
P11: Adaptada de acordo com a necessidade, utilizando materiais adaptados ao aluno.					
P 12: Usamos os mesmos critérios, porém a forma de avaliar é diferenciada.					
P 13: A avaliação pode ser a mesma, mas a forma de avaliar vai diferir.					
P 14: A atividade pode ser a mesma, mas, avaliar cada aluno conforme suas habilidades e capacidades.					

<b>5- Qual (is) Item (ns) a seguir estão relacionados com as dificuldades de aprendizagem de seus alunos com Síndrome de Down? Em caso de outros especificar.</b>					
Atenção	memória	Linguagem	Outros		
12	10	14	3		
P 6: outros: assimilação, concentração e comportamental.					
P 7: Outros: comportamento, assimilação, concentração.					
P10: Outros: comportamento, assimilação.					
<b>6- Como deve ser o estímulo do processo de linguagem escrita para alunos com Síndrome de Down?</b>					
Através de atividades que envolvam interação com o grupo.	Por meio de exercícios com atividades com palavras relacionadas ao cotidiano do aluno.	Por meio de atividades lúdicas.	Através de exercícios que favoreçam o estímulo, a atenção e observação.		
11	12	11	13		
<b>7- Quais as diferenças observadas por você considerando a aprendizagem de um aluno que não possui Síndrome de Down e outro que possui? Em caso de outras especificar.</b>					
Dificuldades em reter conceitos abstratos.	Dificuldades em relação a memória.	Dificuldades em relação a atenção.	Outros.		
11	11	14	0		
<b>8- Quais as metodologias de ensino usadas com os alunos com Síndrome de Down? Em caso de outras especificar.</b>					
Atividades lúdicas.	Atividades que desenvolvam a atenção.	Atividades concretas.	Atividades que envolvam construção de atitudes e de participação e interação com o grupo.	Outras.	
11	11	10	12	0	